

TRILOGIA TRÁGICA NO TEATRO NACIONAL

## **Agamémnon: Uma tragédia ateia para um mundo (outra vez) religioso**

RUI PINA COELHO

Título: Agamémnon. Texto e encenação: Tiago Rodrigues. Interpretação: Ana Água, Ana Tang, Ana Valente, Isabel Abreu, João Grosso, José Neves, Manuel Coelho, Maria Amélia Matta, Paula Mora e Victor Yovani. Interpretação musical ao vivo: Gabriel Ferrandini (bateria e percussão), Pedro Sousa (saxofones). Música original: Gabriel Ferrandini. Cenografia: Ângela Rocha. Figurinos: Magda Bizarro e Ângela Rocha. Desenho de luz: Nuno Meira. Desenho de som e sonoplastia: Sérgio Henriques. Assistente de encenação: Filipa Matta. Produção: Teatro Nacional D. Maria II. Local e data de estreia: Sala Garrett do Teatro Nacional D. Maria II, 23 de Setembro de 2015.

Bernard Dort, no *Dictionnaire de Théâtre* da *Encyclopaedia Universalis*, respondendo à pergunta «existe uma tragédia no século xx?», hesita em reconhecer a presença do trágico na dramaturgia contemporânea, na linhagem daqueles que foram declarando a sua morte (Nietzsche, Steiner). «[A] voz trágica no teatro ou se tornou confusa ou morreu», afirma George Steiner (1993: 18), autor muito próximo da cosmogonia de Tiago Rodrigues. Desse modo, Dort (1998: 817), olhando para a dramaturgia do século xx como reveladora de uma certa nostalgia trágica (Eliot, Cocteau, Giraudoux, Anouilh), inquire se não poderá a velha fatalidade ter sido hoje substituída pela libido de Freud (O'Neill). Ainda de acordo com Dort (1998: 817), na segunda metade do século xx, a dramaturgia ocidental encontra no universo do absurdo uma maneira de lidar com um mundo trágico sem tragédia, «um mundo da repetição e não da solução, envenenado pelo fantasma de uma impossível transcendência» (Beckett); ou substitui a tragédia da fatalidade (metafísica ou psicológica) pela tragédia da liberdade (Camus, Sartre). Outros, executando o mesmo exercício de substituição, descobrem, no lugar anteriormente ocupado pelas forças do destino trágico, o exercício sistémico das forças opressoras das instituições do poder no mundo capitalista (Brecht, Miller, Bond). Contudo, «uma visão mais historicizante do mundo desloca totalmente a concepção do trágico», afirmará Patrice Pavis tratando da «superação da concepção clássica» da tragédia,



AGAMÉNNON, TEXTO E ENC. TIAGO RODRIGUES, TEATRO NACIONAL D. MARIA II, 2015 (JOSÉ NEVES E ANA ÁGUA),  
[F] FILIPE FERREIRA



AGAMÉNNON, TEXTO E ENC. TIAGO RODRIGUES, TEATRO NACIONAL D. MARIA II, 2015 (ISABEL ABREU),  
[F] FILIPE FERREIRA

no seu *Dicionário de Teatro* (1999: 419). A sua entrada sublinha que história e tragédia são elementos contraditórios: «quando por trás do destino do herói trágico [se] adivinha um pano de fundo histórico, a peça perde o seu carácter de tragédia do indivíduo para chegar à objectividade da análise histórica» (*ibidem*). Ainda segundo Pavis, se para a crítica marxista as aspirações de um indivíduo são as aspirações de uma classe, o trágico residiria na impossibilidade de realização dos imperativos históricos dessa classe, fazendo que a tragédia não fosse mais do que «uma desfasagem entre postulação individual e realidade social e a perda do indivíduo contra uma ordem social vindoura ou advinda» (*ibidem*). Seja como for, resgata-se com esta visão a possibilidade do trágico na modernidade (Williams, Eagleton...). Para este último – Terry Eagleton –, a condição trágica do indivíduo na contemporaneidade está precisamente na impossibilidade de superação de um terrível impasse entre a satisfação do eros e a vida organizada segundo os ditames dos Estados modernos, a quem colectivamente entregámos a responsabilidade de garantir o nosso conforto e segurança (2003).

A singularidade das tragédias de Tiago Rodrigues está em erguerem-se, precisamente, neste mundo – no mundo da tragédia do homem comum, das forças sociais em movimento e no da ausência dos deuses –, mas carregarem consigo uma ideia de uma outra tragédia. Vem daí o seu insólito sabor a anacronia, a coisa fora de tempo. Os textos são movidos por uma urgência que se traduz na pressa do dizer e do contar. As acções sucedem-se, impiedosas, sem nenhuma solenidade trágica. Seguem rápidas como qualquer quotidiano. Não há sagrado, nem há tempo a perder: só há homens e mulheres.

Quando entramos na sala, os actores – os cidadãos de Argos (um coro composto por Ana Água, Ana Valente, Manuel Coelho e Vítor Yovani) – brindam-nos com champanhe. O ambiente é descontraído e festivo. Dez anos decorreram desde a morte de Ifigénia, e Clitemnestra (Paula Mora) e Egisto (João Grosso) esperam o vitorioso Agamémnon (José Neves), que regressa a casa vindo de Tróia, trazendo Cassandra (Isabel Abreu) como prisioneira. Em cena aparecerá ainda uma Electra com conhecimento omnisciente da trama (Ana Tang) e o Velho (a única personagem que é interpretada pela mesma actriz ao longo de toda a trilogia, Maria Amélia Matta). O tom nervoso da interpretação é notório e reflecte-se na assimetria do elenco, denunciando o grau de proximidade que os actores – uns mais, outros menos – terão com a especificidade da gramática de

Rodrigues. Assim, abordagens mais psicologizantes e de estilo mais grave convivem com os habituais jogos de distanciamento e ironia que compõem a retórica cénica de Rodrigues. A unidade nem sempre é encontrada, o que resulta no convívio assimétrico de vários estilos de representação.

Dominando todo o palco, está uma enorme fotografia da fachada do Teatro Nacional cortada em finas tiras, que, além de trazer esta tragédia para o Rossio de Lisboa, possibilita um dinâmico jogo de entradas e saídas, bem como um hábil *habitat* para insinuar presenças, sombras, espectros e afins. Atrás, escondida, uma pilha de lâmpadas fluorescentes e ventoinhas cromadas (no lado direito e ao fundo do palco), que fazem de insidioso refrão a toda a trilogia. Hão-de ser ligadas, no final, e hão-de fazer tremer aquela fachada fingida. Também o nevoeiro surgirá, a dada altura, tudo envolvendo em mais mistério e rarefação.

Contudo, o elemento que parece sobrepor-se a todos os outros e imprimir uma espécie de narrativa sonora a todo o espectáculo é a interpretação ao vivo do duo de percussão e saxofone, Gabriel Ferrandini e Pedro Sousa, que, de forma ora impositiva ora discreta, criam uma paisagem sonora de substantivo corpo e intensidade.

Nas tragédias de Tiago Rodrigues, as personagens movem-se e agem movidas por pouco mais do que os seus próprios caprichos e vontades. Não são impelidas nem obrigadas à violência, à vingança, à falha. Agem porque é assim que agem. Sem reflexão, sem apelo. As tragédias de Tiago Rodrigues são laicas, desencantadas, ignorantes de qualquer transcendência ou metafísica. Seriam pleonásticas em relação ao nosso tempo se o nosso mundo não voltasse a estar espantosamente (e horrivelmente) marcado pela religião. E é nessa desconcertante relação que a vitalidade destas tragédias ateias se encontra. É nessa desconcertante relação que aspiram a uma objectividade da análise da história dos nossos tempos.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- DORT, Bernard (1998), «Est-il une tragédie au XXe siècle», in *Dictionnaire du Théâtre*, Paris, Encyclopaedia Universalis et Albin Michel.
- EAGLETON, Terry (2003), *Sweet Violence. The Idea of the Tragic*, Oxford, Blackwell Publishing.
- PAVIS, Patrice (1999), *Dicionário de Teatro*, trad. Maria Lúcia Pereira, J. Ginsburg, Rachel Araújo de Baptista Fuser, Eudynir Fraga e Nanci Fernandes, org. J. Ginsburg e Maria Lúcia Pereira, São Paulo, Perspectiva.
- STEINER, George (1993), *La Mort de la tragédie*, trad. Rose Celli, Paris, Gallimard.